

A LITERATURA DO POETA AMAZONENSE DORI CARVALHO

Norma Mota do Nascimento¹
Carlos Antônio Magalhães Guedelha²

RESUMO

Dori Carvalho está entre os autores amazonenses com uma das escrituras mais abrangentes com relação à temática, com poemas que versam do amor à crítica social, passando, também, por discussões de fundo religioso. Neste artigo, estudaremos sua obra poética a partir de três publicações que constituem sua produção literária: *Desencontro das águas*, *Paixão e Fúria* e *Meu ovo esquerdo*. Como critérios para análise, foram considerados os planos fônico, morfológico e semântico. No plano fônico, observa-se a ocorrência de figuras sonoras e do ritmo; no plano morfológico, analisam-se, sobretudo, as escolhas lexicais feitas pelo poeta; na análise do plano semântico dos poemas e aforismos que formam o conjunto de sua produção, pontuam-se três temáticas emergentes: ateísmo e agnosticismo, amor e erotismo e a crítica social.

Palavras-chave: Dori Carvalho, ateísmo, amor, erotismo, crítica social.

ABSTRACT

Dori Carvalho is among the Amazonian authors whose texts are considered the most comprehensive ones regarding the theme, with poems treating from love to social criticism, also discussing about religious subjects. In this article, we will study his poetry from three publications that make up his writing: *Desencontro das águas*, *Paixão & Fúria* e *Meu ovo esquerdo*. As the criteria for the analysis, we considered the phonic, morphological and semantic plans. In the phonic plan, there is the occurrence of the sound figures and of the rhythm; in the morphological level, we analyzed, especially, the lexical choices made by the poet; in the analysis of the semantic level of the poems and aphorisms that make up the whole of its production, three emerging themes are highlighted: atheism and agnosticism, love and eroticism and social criticism.

Keywords: Dori Carvalho, atheism, love, eroticism, social criticism.

INTRODUÇÃO

Eleger uma obra literária para análise implica uma escolha estabelecida a partir das impressões e das emoções que os atributos estéticos produzem no leitor. Nesse sentido, a produção de Dori Carvalho para análise neste artigo tem esse condão de despertar no leitor inúmeros sentimentos, desde o lirismo, abordando aspectos da temática amorosa e erótica, até os voltados para a questão social. A principal razão para a preferência de Carvalho foi o fato

¹ Graduada em Letras – Língua e Literatura Portuguesa pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, professor do Departamento de Língua e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Amazonas - UFAM

de observarmos uma lacuna nos estudos literários amazônicos com relação a sua obra, embora goze de comentários de autores importantes como Tenório Telles e Thiago de Mello. O comentário positivo desses ícones da nossa literatura, um na crítica e outro na produção, nos aparece como convite a adentrar nos livros Dori – *Desencontro das águas, Paixão e fúriae Meu ovo esquerdo*. Antes de proceder à análise, apresentaremos breves informações sobre a vida e obra de Dori. Em seguida, mostraremos a divisão feita por Carvalho em cada um desses livros, e, por último, focalizaremos quatro aspectos, a saber, os poemas ateístas, de amor, erótico e os crítico-sociais. No tema ateísta, utilizaremos os seguintes poemas: *Ateu* e os aforismos *11* e *12*, concatenando os estudos filosóficos de Feuerbach, Marx, Comte e Nietzsche. Nos temas de amor e de erotismo, utilizaremos os respectivos poemas, *a minha amada* e *eu*, demonstrando suas diferenças e relacionando-os com a obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri, a *Bíblia sagrada judaico-cristã*, assim como a doutrina filosófica do *Eterno Retorno* de Nietzsche. Os pensamentos de *Bataille* e *Barthes* também corroboram para o confronto desses temas. Para os poemas crítico-sociais, serão utilizadas as contribuições sobre a crítica ao capitalismo deixadas por Marx e a divisão ideológica de Althusser. Além do semântico, ressaltaremos em cada poema trabalhado, os planos fônico e morfológico.

1. BREVE INFORMAÇÃO SOBRE A VIDA E OBRA DO AUTOR

O poeta e ator Dori Carvalho nasceu no dia 11 de junho de 1955, em São Joaquim da Barra, São Paulo. Veio para Manaus no ano de 1978, onde vive há mais de trinta anos. Desde então, passou a dedicar-se aos livros e ao teatro. Trabalhou como ator nas peças “Elogio da Preguiça”, de Márcio Souza, e “Aquela outra face da tribo”, de Aurélio Michiles. No que diz respeito à sua obra escrita, o autor compôs prosas poéticas, contos, crônicas, poesias (poetrix, haicais, humor e outros), e aforismos. Podemos citar, respectivamente, *Era ela o universo*; *Tesouro do Norte*; *O cinema*; *Grito calado*; *Lágrimas literárias*; *Beija-flor urbano*; *Meu ovo esquerdo*.

Desde cedo, Dori lia grandes escritores como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Pablo Neruda, Ernesto Guevara, Thiago de Mello, dentre outros, e isso é demonstrado em seu poema *O menino e os poetas* (CARVALHO, 2004, p.17). Encontraremos a influência desses autores em toda sua obra tanto no que diz respeito à forma quanto no quesito conteúdo. Apesar de Dori Carvalho escrever crônicas, prosas e contos, é na poesia que

o autor tem encontrado espaço para mostrar questões sentimentais e sociais que tanto o atormentam.

2. COMO ESTÃO DIVIDIDOS OS TRÊS LIVROS EM ANÁLISE

Para demonstrarmos um pouco dessa literatura amazonense, destacaremos alguns pontos dos três livros, de sua autoria: *Desencontro das águas, Paixão e Fúria* e *Meu ovo esquerdo*. Podemos dizer que há, na escrita de Dori Carvalho, três momentos, um para cada livro escrito. Em *Desencontro das Águas*, o autor se utiliza da poesia para denunciar, de forma mais dura e intensa, a política que abandona o cidadão no caos. As causas sociais são tratadas de maneira mais incisiva, em que a culpa recai não apenas nos que fazem a política, mas nas pessoas que se deixam levar pelo sistema. Em *Paixão e fúria*, o que sobressai é o tema amoroso, o erotismo e a existência humana. *Meu ovo esquerdo*, porém, retorna a crítica social como ponto central, entretanto, com uma nova roupagem.

É interessante observarmos como o autor divide em partes seus dois primeiros livros, sendo em cinco partes o primeiro e em quatro partes o segundo. Em *Desencontro das Águas*, a divisão acontece da seguinte maneira: a primeira denominada *Entre barras e rios*, que não é um poema, afirma tratar-se de uma *autobiografia rasteira*. Nesse texto de alto lirismo, relata, de forma *rasteira*, seu nascimento e o momento em que se encontrava o país naquela época até a sua vinda para Manaus. Vejamos um trecho:

...Quando nasci o tiro de Vargas ecoavamos ouvidos da cidade do interior. Saí à força, arrebatando minha mãe. A primeira cabeçada. Outras viriam. Outras virilhas também. Um boi quase me mata quando ainda tinha o colo aconchegante. Perco um irmão. O inesperado me faz enxergar menos ou mais, até hoje não sei. Nuvens escuras anoitecem o meu dia e o dia da república. Começaram a levar irmãos e amigos...

Nesse pequeno excerto, notamos alguns aspectos trabalhados em sua poesia como as dificuldades da vida, os muitos amores e as perdas. Toda essa vivência fará parte contundente da obra desse artista amazonense.

A próxima parte do livro recebe o nome *Grito calado*, que, inclusive, é o nome do primeiro poema dessa divisão que contém 27 poemas. Nesse item, o autor conta em forma de versos o que viveu em sua cidade natal, a vida de várias pessoas. Algumas conheceu e outras não, como o mendigo do poema *Grito calado* e do *Receita*, da *Lavadeira* da beira da estrada,

de trombadinhas em *Natal trombadinha*, de prostitutas como nos poemas *Laurindona* e *Áurea strip show*, da vida de nordestino em *Easy rider*, das tristezas do poeta em *Lamento*, e, assim, Dori vai desafiando da memória as tristezas, angústias e o grito pungente por liberdade, como se vê no último poema *Pássaro*.

A terceira parte, quando o autor já está morando em Manaus, é chamada de *Desencontro das águas*, que contém 22 poemas. Nessa, o poeta começa a tratar de forma mais dura o abandono do povo, da cidade, do país, pelos senhores do poder como é retratado em *As tetas do povo*. Dori utiliza elementos da cidade amazônica como as águas para mostrar os desmandos, o abandono e a falta de liberdade. No poema *Desencontro das águas*, que dá nome a essa parte do livro, por exemplo, ele usa o fluxo das águas, assim como vocábulos que fazem parte da região amazônica como *vitórias-régias*, *jacarés*, *cunhatãs*, *tucanos* e *nomes de ruas de Manaus* para expressar sentimentos, medos e solidão.

A quarta parte é denominada *Sangria*, que contém um único poema de mesmo nome. Aqui, Carvalho cria um poema com 317 versos, os quais temos a impressão do correr do sangue no corpo, como é mostrado em um eletrocardiograma, onde o sangue, dependendo da cadência acelera ou não as batidas do coração. Sabemos que o sangue passa por todo o corpo humano como intuito de irrigá-lo e, dependendo de ter ou não obstáculos, vai fluindo lentamente ou aceleradamente. É nessa cadência de tensão de mais ou de menos, que o poema *Sangria* vai sendo construído. Segundo estudos³, a contração e a descontração dos ventrículos dão-se pela sístole e diástole, respectivamente. Percebemos esses movimentos cardíacos de contração e relaxamento na forma utilizada por Dori para a tessitura desse poema. Ao ler os versos, temos a sensação de que as palavras e seus respectivos assuntos foram jogados sem nenhuma conexão ou melhor desordenadamente, mas, com a continuação da leitura, vê-se que os vocábulos são trabalhados para mostrar os vários aspectos da vida como o amor, a prisão de si mesmo, o domínio do forte sobre o mais fraco, e assim por diante. Não se pode deixar de refletir, também, sobre a maneira como o poeta utiliza os rios como artérias que pulsam sem parar, assim como o é na Amazônia, onde tudo flui conforme as águas. A leitura desses versos induz o leitor a pensar sobre várias questões humanas.

A quinta e última parte tem como nome *Questões de(s) ordem (pichações)*, a qual é composta por 28 poemas. Todos os poemas dessa composição são curtos tanto que quatro deles tem somente duas estrofes cada, *Genocídio*, *Ateu*, *Menino* e *Simples escolha*; os demais possuem uma estrofe cada, contendo dois, três ou quatro versos, apenas. Alguns deles

³Conferir em: Sobiologia.com.br/conteúdos/FisiologiaAnimal/Circulação2.php

chamamos de poetrix, como é o caso de *Ateu* e *Elis*. Nessa parte, o autor demonstra suas dúvidas, sua visão do mundo, seu pessimismo, sua dor, sua vontade de liberdade, etc, como podemos atestar nos poemas *Dúvida*, *Criança*, *Vida*, *Mágoas*, *Blasfêmia*, respectivamente.

Em *Paixão e Fúria*, o autor dividiu a obra em quatro partes: a primeira, denominou *Paixão e Fúria*, contendo apenas o poema *O menino e os poetas*, onde demonstra todo seu apreço e leitura de grandes nomes da literatura brasileira e da internacional como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Pablo Neruda, Thiago de Melo e Che Guevara; a segunda, denominou *Diluvianas*, com 63 poemas, que tratam do amor, da paixão, da desilusão, da solidão, da saudade, e da angústia; a terceira, designou *Filigranas*, com 39 poemas, em que o *eu lírico* é um poeta que vai retratando, a cada poema, um pedaço da história de sua vida amorosa, inicialmente com a perda da amada, em seguida a dor, a solidão, o desespero, a tristeza, tudo isso consequência desse amor, as idas e vindas desse relacionamento, o arrependimento por ter procurado por ela, a volta confusa e a prisão definitiva desse sentimento. A quarta e última parte do livro, batizada por *Brasilianas*, contém 33 poemas, aqui, o *eu lírico* encontra-se sufocado, conturbado, mostrando com certo pessimismo que a vida não é tão bela, mas, ao mesmo tempo, desejando mudança, sonhando com liberdade e igualdade. Nessa obra, o autor desvela para o leitor, com mais ceticismo e tristeza, as questões humanas e sociais.

Em seu último livro publicado, *Meu ovo esquerdo*, Dori Carvalho constrói 169 *Aforismos* cheios de crítica, com certa dosagem de humor. Como bem disse o escritor Zemaria Pinto:

Dori Carvalho transita entre o humor e a reflexão, sem transigir: aquele leva a pensar; este vem sempre carregado de fina ironia. Mas tenha cuidado: se você achar que entendeu, leia de novo e reflita, porque atrás da aparente simplicidade, cada frase esconde uma segunda leitura, muito mais cáustica do que parece...(CARVALHO, 2012, p.10)

O escritor Tenório Telles também enaltece as qualidades dessa obra de pequeno fôlego, mas de grande valor textual e poético:

Provocativo e brincalhão, *Meu ovo esquerdo* é uma antologia com pequenos recortes de pensamentos, sentenças filosóficas e textos que estão mais para poesia. Dori Carvalho exercita, com precisão, sua verve lúdica e burlesca. No corpo a corpo com a realidade, Dori age como um pugilista – e desfere golpes certeiros na hipocrisia, falso moralismo e frivolidade de nosso tempo...(CARVALHO, 2012)

Vemos que, nessa obra, Dori não apenas denuncia de forma veemente como fizera em *Desencontro das Águas*, mas utiliza o humor carregado de crítica voraz aos poderosos, mostrando aos mais fracos que podem se rebelar diante dos fatos, da pobreza, da impunidade, enfim, do massacre do outro ou das imposições ditadoras da sociedade.

3. TEMÁTICA ATEÍSTA E AGNÓSTICA

Em seus três livros, Carvalho apresenta temáticas diversas e já usadas por outros artistas, mas que instigam aqueles que decidirem ler com olhos atentos e perspicazes. O *Ateísmo* é uma delas, que inicia forte no livro *Desencontro das Águas*, mas é amenizado no último livro de Dori, *Meu ovo esquerdo*. Para isso, faremos um paralelo entre os poemas *Ateu* (1986, p. 97), do livro *Desencontro das águas*, e dos aforismos *11* e *12* (2012, p. 30), do livro *Meu ovo esquerdo*:

ATEU	11
deus deu adeus aos seus	Enquanto os cristãos brigam, para saber quem é mais cristão, cai uma lágrima dos olhos de Cristo.
e eu adeus a deus	12
	O Criador prefere as dúvidas sinceras dos incrédulos às falsas crenças de carolas e pregadores.

Vejam a primeira diferença encontrada nos poemas de Dori com relação ao tema exposto: no poema *Ateu*, o autor escreve o vocábulo *deus* com letra minúscula, caracterizando um ser qualquer; nos aforismos *11* e *12*, os vocábulo *Cristo* e *Criador* são grafados com letra maiúscula, demonstrando mudança no modo de encarar o fenômeno metafísico da divindade, tendendo, em nosso ponto de vista, a uma postura muito mais agnóstica⁴ que propriamente ateia. Em *Ateu*, o usoda aliteração do fonema consonantal “d” e da assonância dos fonemas vocálicos “e” e “u”, principalmente da junção desses últimos, formando o vocábulo “eu” no interior dos vocábulos, marcam não apenas o ritmo, mas o ateísmo e o egocentrismo ligados à solidão expressa pelo *eu lírico*. Sobre essa posição ateísta,

⁴ “Agnosticismo. [...] É, em geral, defendido com base em um ou em todos os pontos de vista seguintes: 1) qualquer coisa é possível; 2) a hipótese da existência do sobrenatural não pode ser provada nem refutada por meios empíricos, precisamente porque o sobrenatural é inacessível aos sentidos [...]” (BUNGE, M. 2002)

Feuerbach afirma que *Deus* é uma invenção humana, com o objetivo de alcançar a realização plena do próprio ser, sendo o homem a realidade suprema e não Deus (MONDIM, 1980, p. 80). Karl Marx segue as críticas do colega, negando a existência de Deus e declarando que “A religião é o ópio do povo” (MONDIM, 1980, p. 81). O ateísmo, porém, só aflorou com o pai do positivismo, Comte, afirmando que “o universo provém da matéria por meio da evolução” (MONDIM, 1980, p. 81). Diante disso, Dori Carvalho apresenta para o leitor a visão ateísta de modo original trazendo o “eu lírico” no centro e solitário. Isso nos remete a mesma posição que um dos pensadores mais marcantes da história, Nietzsche, tinha a respeito dessa questão, de quem Carvalho sofrera grande influência. O posicionamento contrário à existência de *Deus* perpassa por toda a obra daquele pensador. A título de ilustração, citaremos o aforismo 141, de Nietzsche (2012, p.146):

141. Demasiado oriental – Como? Um deus que ama os homens, desde que acreditem nele, e que lança olhares e ameaças terríveis a quem não crê nesse amor? Como? Um amor com cláusulas é o sentimento de um Deus todopoderoso? Um amor que sequer triunfou do senso da honra e da irascível sede de vingança? Como é oriental tudo isso! “Que te interessa, se te amo?” já é uma crítica suficiente de todo o cristianismo.

Esse “eu” descrente da existência de Deus é retratado em diversos poemas tanto em *Desencontro das Águas* quanto em *Paixão e fúria*, entretanto, nos aforismos, citados anteriormente da obra *Meu ovo esquerdo*, pode-se perceber a aceitação de um *Criador*, mudando, portanto, o posicionamento com relação à divindade. No aforismo *II*, *e.g.*, há uma incisiva crítica relacionada às várias facções religiosas que grassam no seio do *cristianismo*, mas nada demonstra a impossibilidade da existência do ser Divino, deixando aberta, portanto, a posição ateísta; e no *12*, o “eu lírico” admite a dúvida, configurando a possibilidade da existência de *Deus*. Essa mudança não demonstra, porém, que esse “eu” tenha se transformado em cristão, mas talvez em agnóstico, aquele que não nega a existência de *Deus*, mas também não acredita ser possível para o homem chegar ao conhecimento de qualquer coisa metafísica.

4. TEMÁTICA DO AMOR E DO EROTISMO

Outros relevantes temas dizem respeito ao *Amor* e ao *Erotismo*, em que o autor ora sublima aquele ora carrega neste, sem, contudo, vulgarizá-lo. Escolhemos os poemas *a*

minha amada e *eupara* traçar essa diferença. Iniciaremos pelo poema *a minha amada*, do livro *Paixão e fúria*, de Carvalho (2004, p.99):

a minha amada

a minha amada
tem cheiro de flor do campo

a minha amada
tem pele de seda chinesa

a minha amada
tem gosto de damasco espanhol

a minha amada
invade todos os meus sonhos
e faz meu coração chorar de saudade

a minha amada
entra por todos os meus poros
e faz meu corpo tremer de desejo

a minha amada
fazminh'alma vagar todas as noites
entre o inferno e o paraíso

No poema *a minha amada*, o autor utiliza, nos três dísticos, os sentidos - audição, tato e paladar, para criar uniformemente as metáforas que compõem o início da declaração de amor do “eu poético” para sua amada e as sensações experimentadas por causa desse amor. Nos três tercetos, os verbos “invadir”, “entrar” e “fazer” representam tudo o que o “eu poético” sente com relação ao que essa amada é capaz de fazer com todo o seu ser. Ele se sente perturbado, afinal, ela está em tudo: nos *sonhos*, nos *poros* e nas *noites*. Após a invasão da amada no *ser*, o *coração*, símbolo do amor e da paixão, é o primeiro a sentir tudo o que irá representar essa invasão, seguido pelo *corpo* e pela *alma*. O primeiro terceto representa o início do relacionamento amoroso, onde o *coração*, nesse caso, é só amor, tendo em vista o recurso da repetição do verso *a minha amada* empregado em todas as estrofes, marcando, portanto, o amor desse “eu lírico”. No segundo terceto, há várias possibilidades, o desejo expresso pelo tremor do corpo pode ser a lembrança de um simples abraço ou da realização do ato sexual. Essa sutileza aplicada por Dori deixa o leitor atento e intrigado. No último terceto, o “eu lírico” mostra-se totalmente entregue a esse *amor*, sua “alma” vaga confusa “entre o inferno e o paraíso”. Essa intrusão é tão intensa que esse *amor* passa primeiro no “inferno”, que, pelo senso comum, é o lugar de punição, de dor e de angústia. No Canto III, versos 12 ao

18, o autor de *A Divina Comédia*, Dante Alighieri (1995, p. 31), apresenta, por meio da fala do poeta mantuano, o *Inferno*:

12 “Seu sentido – disse eu – “Mestre me é duro”.
Tornou Virgílio, no lugar perito:
- “Aqui deixar convém toda suspeita;
15 Todo ignóbil sentir seja proscrito.
“Eis a estância, que eu disse, às dores feita,
Onde hás de ver atormentada gente,
18 Que da razão à perda está sujeita”.”

O *Inferno* descrito por Dante é um lugar de dor e de gente atormentada, e a alma do “eu poético” em *a minha amada* sofre todas as noites, e, por isso, vagueia pelo infernosentindo toda a angústia causada por essa *amada*. Entretanto, diferentemente desse *Inferno* de *A Divina Comédia*, o “eu lírico” de *a minha amada* não abandona as suas esperanças ao vaguear em lugar tão funesto. Ademais, esse amor flana, por último, pelo *Paraíso*, expressando, dessa forma, o desejo do “eu lírico” de ficar com sua amada. Afinal, o *Paraíso*carrega no seu sentido tudo o que é bom e sublime. Considerando, todavia, que esse *amor* volta a frequentar, noite após noite, esses ambientes antagônicos, fica evidente que, por causa desse amor, o “eu poético” é expulso desse lugar tão prazeroso como aconteceracom os primeiros humanos do *Paraíso* da Bíblia Sagrada judaico-cristã⁵, mas, diferentemente desses, esse “eu” retorna sempre.

Esse círculo em que se encontra implexo o “eu lírico” nos remete ao aforismo 341 de Nietzsche (2012, p. 205):

O maior dos pesos — E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma seqüência e ordem — e assim também essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente — e você com ela, partícula de poeira!” — Você não se prostraria e rangeria os dentes e amaldiçoaria o demônio que assim falou? Ou você experimentou um instante imenso, no qual lhe responderia: “Você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina!” Se esse pensamento tomasse conta de você, tal como você é, ele o transformaria e o esmagaria talvez; a questão em tudo e em cada coisa, “Você quer isso mais uma vez e por incontáveis vezes?”, pesaria sobre seus atos como o maior dos pesos! Ou o quanto você

⁵Confira Gênesis 3, 1-23.

teria de estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além dessa última, eterna confirmação e chancela?

Isso nos leva a pensar que a mesma noção do *Eterno Retorno*, do filósofo alemão, emerge do poema *a minha amada* no último terceto, uma vez que, parece provir de uma escolha, vagar todas as noites entre o *paraíso* e o *inferno*. Intuímos que o “eu lírico” não se importa em consumir a sua vida frequentando lugares tão díspares, tão contraditórios, desde que seja para viver intensa e incessantemente as emoções despertadas por sua amada.

Diversamente do tom amoroso mais sublime encontrado em *a minha amada*, o poema *eu* (2004, p. 52), da obra *Paixão e Fúria*, inclina-se para uma abordagem mais erótica, mais lasciva. Observemos:

eu
 eu
 quero
 ser
 feito
 vinho
 tinto
 entrar
 em
 tuas
 veias
 e
 me
 perder
 em
 tua
 vulva
 violenta

Esse poema representa o desejo do *ser*, sendo essa aspiração marcada pelos verbos *querer*, *ser*, *entrar* e *perder*, os quais vão compor o poema. O “eu lírico” quer ser vinho, mas não qualquer vinho, deve ser tinto, representando a cor do sangue, que vai passar pelas *veias* da mulher amada. Podemos considerá-lo um poema concreto, haja vista a disposição dos versos, em que cada vocábulo representa um verso, deixando ao leitor a composição da figura que mais lhe tocar. A nosso ver, essa figura pode ser a de o vinho sendo derramado em uma taça, em que os versos seriam as *veias* e a *vulva* a taça, onde o “eu poético” quer se perder. Outra bastante interessante, é a do corpo da mulher amada, em que o vinho é representado pelo primeiro verso, que é justamente o vocábulo “eu”, o qual vai entrando no corpo da mulher e passando por todas as *veias* do corpo até atingir o alvo que é a *vulva violenta*. A assonância de “e”, que consta nas sílabas fortes do poema – *eu, quero, ser*

feito, entrar - representa o masculino, e a aliteração de “t” e “v”, que aparece nos vocábulos *tua, veias, vulvae violenta*, representa o feminino. Essas figuras de linguagem conferem ritmo ao poema, contribuindo, sobretudo, para a exposição e detalhamento do desejo do “eu lírico”. Essa concupiscência caracteriza o erotismo no poema de Dori. Sobre o tema, Bataille (1987, p. 21) assim se posiciona:

O erotismo, eu o disse, é aos meus olhos o desequilíbrio em que o próprio ser se põe conscientemente em questão. Em certo sentido, o ser se perde objetivamente, mas nesse momento o indivíduo identifica-se com o objeto que se perde. Se for preciso, posso dizer que, no erotismo, EU me perco.

Nesse contexto, podemos dizer que o “eu poético” do poema em comento tem como desejo precípua perder-se para se achar no outro. O fato de o ser humano buscar sempre o fim da sua descontinuidade, do fechamento em um eu, chegar ao fim dessa busca seria o mesmo que desaparecer enquanto ser descontínuo⁶, o mesmo que morrer, e o ato sexual, quando atingido o clímax, finaliza na morte do ser. O “eu lírico” almeja essa morte. Afirma Bataille (1987, p. 18) que “O erotismo abre para a morte. A morte abre para a negação da duração individual”. Para falarmos de erotismo, é importante nos referirmos ao desejo, o qual Barthes (1987, p.14) nos diz: “Encontro pela vida milhões de corpos; desses milhões posso desejar centenas; mas dessas centenas, amo apenas um. O outro pelo qual estou apaixonado me designa a especialidade do meu desejo”⁷. Esse desejo erotizado, que é tema central do poema de Dori Carvalho, traz a ideia de perdição, de morte e do outro como complemento do próprio ser.

Com essas considerações, é possível distinguirmos a diferença das temáticas do *amor* e do *erotismo* na obra desse autor.

5. TEMÁTICA CRÍTICO-SOCIAL

Além dos temas abordados até aqui, analisaremos a seguir o que ressaia como o mais contundente da literatura de Carvalho – o social. Percebemos nos poemas inscritos nessa

⁶Cf. BATAILLI (1987, p. 11): “Para nós que somos seres descontínuos, a morte tem o sentido da continuidade do ser: a reprodução leva à descontinuidade dos seres, mas ela põe em jogo sua continuidade, isto é, ela está intimamente ligada à morte. É falando da reprodução dos seres e da morte que me esforçarei para mostrar a identidade da continuidade dos seres e da morte que são uma e outra igualmente fascinantes e essa fascinação domina o erotismo”.

⁷ Cf. BARTHES (1989, p. 14): Conforme Barthes, *Fragmentos de um discurso amoroso* é construído a partir de diversos fragmentos de suas leituras e de conversas com amigos. Sobre o trecho aqui citado, ele faz referência a Lacan e a Proust.

temática, a marca do sociólogo Karl Marx e do filósofo francês Louis Althusser, que criticaram contumazmente as vicissitudes da sociedade, como as desigualdades sociais e todas as suas consequências. Em *Desencontro das Águas, Paixão e Fúriae Meu ovo esquerdo*, a discussão quanto às questões sociais que afligem a humanidade é recorrente. A fim de estudarmos alguns pontos dessa criticidade, escolhemos os seguintes poemas: *Genocídio*, (1986, p. 91), do livro *Desencontro das Águas*; e *meninos ricos* (2004, p. 168), do livro *Paixão e fúria*.

GENOCÍDIO

bandeirantes matando índios
 turistas comprando índios
 freiras vendendo índias
 matam e ornamentam

que tal um índio empalhado
 na tua sala, gringo?

meninos ricos

meninos ricos
 meninos pobres

uns coca
 uns cola

A denominação do primeiro poema carrega em seu cerne um dos graves acontecimentos mundial – o Holocausto. Segundo a Enciclopédia do Holocausto, o termo *genocídio* só passou a existir após 1944, com Raphael Lemkin, um advogado judeu polonês, que buscava vocábulos para descrever as políticas nazistas de assassinato. Combinou, então, a palavra grega *geno-*, que significa *raça* ou *tribo*, com a palavra *-cídio*, que quer dizer *matar*, criando, portanto, o vocábulo “genocídio”. Esse título, empregado por Carvalho, mostra outro momento histórico parecido – a matança dos povos indígenas brasileiro, desde a época do Brasil colônia até a implantação da Zona Franca de Manaus. Esse poema contém seis versos divididos em uma quadra e um dístico, onde o autor descreve em uma quadra como se perpetra o genocídio de um povo, e, em um dístico, inquire denunciando, com uma forte metáfora, a matança desse povo. Vê-se que o poder de síntese, típico dos poetas, é utilizado habilmente por Dori Carvalho nesse poema, uma vez que abrange em apenas uma estrofe três momentos importantíssimos da história nacional, a saber: dos *Bandeirantes*, que foram os primeiros desbravadores europeus no Brasil, com o encargo de adentrar os sertões em busca de riquezas e escravos, na época do Brasil colônia – século XVI ao XVIII, causando, com isso, a matança efetiva de quase toda a população indígena (OLIVEIRA, acesso em 27 ago. 2015); da *Catequização*, com início no século XVI, época do descobrimento do Brasil pelos portugueses, em que os jesuítas tinham como missão a catequização da população indígena (SANTANA, 2009), e o terceiro, mais especificamente acompanhando a migração indígena do litoral brasileiro para a Amazônia, dá-se simultaneamente ao *advento da Zona Franca de*

Manaus, que deflagrou uma vertiginosa invasão de turistas ávidos não somente pelo consumo dos importados, mas também pelo contato com o exótico mundo indígena como mera mercadoria.

É importante notar a utilização de três substantivos comuns utilizados pelo autor – *bandeirantes*, *turistas* e *freiras* – para expressar a matança factual realizada pelo primeiro, e simbólica pelos dois últimos, relacionada à dignidade e à cultura. Percebe-se a morte factual expressa, no primeiro verso, pelo verbo *matar*, em sua forma de gerúndio, confirmada pela história do Brasil colônia, onde quase toda a população indígena foi morta pelos bandeirantes; e simbólica, no segundo e terceiro versos, pelos verbos *vender* e *comprar*, usados na mesma forma verbal. Essas duas últimas ações dizem respeito à aculturação dos índios, iniciada com a chegada dos jesuítas no Brasil, após o descobrimento no século XVI. Com a catequese, os índios, que não aceitaram as mudanças, foram mortos, e os que a aceitaram, na maioria mulheres e crianças, foram despidos de sua cultura, sendo escravizados e explorados pelos colonizadores. Passando para um contexto mais recente de nossa história, sua cultura tornou-se mero objeto exótico adquirido pelos turistas para simples decoração. No quarto verso, tem-se a ideia de um aposto resumitivo elíptico, em que todos, *bandeirantes*, *turistas* e *freiras*, *matam* e usam o povo indígena como *ornamento*, cada um a seu modo. Assim confirma Callado (1997, p. 54):

Eram as expedições portuguesas visando a persuadir os indígenas a virem para os aldeamentos missionários, onde deveriam ser cristianizados e *civilizados*. Tais operações de recrutamento da mão-de-obra indígena alteraram física e culturalmente o seu modo de vida. Se, através das guerras justas e dos resgates, o índio era considerado legalmente escravo e sofria com as cruéis condições de trabalho, os descimentos representavam oficialmente a inclusão do indígena na produção colonial como trabalhador livre, com direito a salário. Entretanto, ocorria, isto sim, uma escravização indireta. Através dos missionários, os índios perdiam os seus valores culturais e enquadravam-se em sistemas de trabalho baseados na grande exploração, onde os interesses mercantis imperavam em detrimento das necessidades dos índios. Assim, o capitalismo europeu formava-se à custa da destruição das culturas indígenas.

No dístico do poema *Genocídio*, o “eu lírico” questiona com veemência a exploração do outro, tendo em vista o modo de tratar o indígena como animal, que serve apenas para ornamentar.

Em *meninos ricos*, o autor usa novamente a síntese poética. Em dois dísticos, com a repetição dos vocábulos *meninos* e *uns* conotando sonoridade e ritmo ao poema, traz à baila

um dos mais graves problemas ainda não resolvidos pelo homem - a desigualdade social, sendo esse ponto de vista fundamentado pelos substantivos *meninos* e pelos adjetivos *ricos* e *pobres*. A disparidade social, que tem como centro a divisão de classes, evidencia outro problema seriíssimo - o das drogas, expresso pelos substantivos *coca* e *cola*, sendo aquele a alusão à folha de onde provém a *cocaína*. É ímpar a composição das palavras na tessitura desse poema, em que Carvalho brinca com os vocábulos, ligando o primeiro verso com o terceiro e o segundo com o quarto, dando-lhes uma coesão textual pela utilização do artigo *uns* como recurso anafórico para referir-se aos substantivos *meninos*, subvertendo, inclusive, o uso da gramática tradicional, que empregaria, nesse caso, os pronomes *aqueles* e *estes*. Valendo-se dessa licença poética, o autor consegue preservar a mesma quantidade de sílabas para cada dístico.

Imanente aos dois poemas em análise encontramos o acentuado pensamento marxista sobre o capitalismo. “Segundo Marx, o capitalismo é uma estrutura econômica que implica necessariamente a exploração do trabalhador” (MONDIM, 1985, p. 103). Para Karl Marx, existe, em toda sociedade capitalista, a classe dominante e a classe dominada. Como consequência dessa divisão, a humanidade presenciou várias lutas de classes, ou seja, cada uma buscando o prevailecimento de seus interesses. Em *Genocídio*, a classe dominante, representada pelos *bandeirantes*, *turistas* e *freiras*, mataram e subjugarão a classe dominada, a dos índios.

Louis Althusser, ao se debruçar sobre a teoria do Estado marxista e o papel da estrutura ideológica no modo de produção capitalista, amplia o conceito, separando os Aparelhos repressivos (o exército, a polícia, as prisões, os tribunais, as leis e o direito) dos Aparelhos ideológicos de Estado (a família, a escola, as igrejas, os meios de comunicação, o esporte, o civismo, dentre outros), mas mantendo a essência, onde afirma que o Estado é um instrumento da classe dominante para se manter enquanto tal, portanto, um instrumento de dominação e exploração (GUARESCHI; RAMOS, 1988). Observamos que o poeta descreve a situação de poder daqueles que têm mais recursos financeiros contrapondo àqueles que pouco ou nada possuem.

Em *meninos ricos*, o título do poema já evidencia a classe dominante dos *ricos*, que têm melhores condições para obter o seu desejo de prazer, que, nesse caso, é a *coca*, contrariamente à classe dominada dos *pobres*, que, por se encontrarem privados de recursos financeiros, contentam-se com o consumo de alucinógeno da mais baixa qualidade – a *cola*. Dori retrata, ainda, a mesma situação de dependência para a qual crianças e jovens são

empurrados. Nesse sentido, as duas classes se irmanam pela mesma sorte, mal que vítima grande parte das pessoas que fazem parte da sociedade capitalista.

Com a exploração do homem pelo homem, Lourenço; Duarte; e Pádua (2011) afirmam que “é fruto do capitalismo, então, a desigualdade econômica, e, junto com ela, a desigualdade cultural, na medida em que os explorados não têm tanto acesso ao conhecimento para que não possam refletir sobre sua real condição”. Essas desigualdades criadas pelo capitalismo alienam suas vítimas, provocando um conformismo generalizado. Entretanto, essas desigualdades acabam, quando empresas, como as representadas pelos vocábulos *coca* e *cola*, presentes nos dois últimos versos do poema *meninos ricos*, os quais também podem fazer alusão ao refrigerante *coca-cola*, procuram atingir qualquer um, independente de classe social, tendo em vista que, para o capitalista, o dinheiro não tem classe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos esta análise, não esperávamos encontrar aspectos tão profundos e com uma diversidade de elementos, levando-nos a fazer correlações com a História, com a Filosofia, enfim, buscar uma interdisciplinaridade para entender e explicar a obra de Dori Carvalho. O aspecto existencialista, por exemplo, não abordado aqui, vimos presente ao longo de toda sua produção literária, seja em *Desencontro das águas*, seja em *Paixão e fúria*, seja em *Meu ovo esquerdo*. Essa, certamente, será uma temática para investigarmos em um outro artigo. Constatamos ser possível escrever de outra forma algo que já foi dito ou estudado, e isso ficou claro quando nos adentramos em temáticas já utilizadas por outros autores, assim como críticas feitas à sociedade. É importante comentar, ainda, o significativo uso da palavra nos livros de Dori, que tem o intuito de atingir o leitor em seus próprios questionamentos ou instigá-los, a olhar por outras lentes o mundo que os cerca.

REFERÊNCIAS

- ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. Tradução de Xavier Pinheiro. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1995. (Ediouro)
- BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BUNGE, M. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Gita K. Guinsburg. São Paulo: Perspectivas, 2002.

CALLADO, Manuel. **Uma introdução à história do Amazonas**. Manaus: Editora Novo Tempo, 1997.

CARVALHO, Dori. **Desencontro das águas**. Manaus: Superintendência Cultural do Amazonas, 1986.

_____. **Meu ovo esquerdo**. Manaus: Editora Travessia, 2012.

_____. **Paixão e fúria**. Manaus: Editora Valer, 2004.

DUARTE, Isabella; PÁDUA, Gabriela; LOURENÇO, Marina. **Os impactos da exploração do homem pelo homem, para Marx**. 2011. Disponível em: <http://marxianas.blogspot.com.br/2011/06/os-impactos-da-exploracao-do-homem-pelo.html>.

Acesso em: 28 ago. 2015.

ENCICLOPÉDIA do Holocausto. Disponível em: <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007043>. Acesso em: 27 ago. 2015.

MONDIM, Battista. **Curso de Filosofia: filósofos do Ocidente**. Tradução do italiano de Benôni Lemos; revisão de João Bosco de Lavor Medeiros. 2ª ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1985. 3. vol.

GUARESCHI, Pedrinho; RAMOS, Roberto. **A máquina capitalista**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

MONDIM, Battista. **Introdução à Filosofia: problemas, sistemas, autores**. Tradução de J. Renard; revisão técnica de Danilo Morales; revisão literária de Luiz Antônio Miranda]. – São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Gilson. **O Bandeirantismo – 5. Caça ao índio: o bandeirismo de apresamento**. Disponível em: http://nethistoria.com.br/secao/artigos/340/o_bandeirantismo/capitulo/5/. Acesso em: 27 ago. 2015.

ROLAND, Barthes. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortênsia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1989.

SANTANA, Danilo. **Os jesuítas e a catequização dos índios no Brasil colônia**. 2009. Disponível em: <http://danilosantanaucsal.blogspot.com.br/>. Acesso em: 27 ago. 2015.